

Observatório da mídia: Uma revisão do conceito de enquadramento¹

Ariele Lima da SILVA²

Vitória L. V. Alves da SILVA³

Márcia GUENA⁴

Ceres SANTOS⁵

Universidade do Estado da Bahia, Juazeiro, BA

RESUMO

Este artigo revisa o conceito de enquadramento a partir de autores que formulam a ideia – Gregory Bateson (1987), Erving Goffman (1986) e Robert Entman (1993) – até sua utilização na Comunicação e de estudos recentes: Mendonça (2012), Rothberg (2010), Campos (2014). O trabalho aprofunda seu entendimento para aplicação no projeto Observatório Racial da Mídia, que acompanha coberturas nas mídias hegemônicas (UOL, Folha de SP e G1) e independente negra (Mundo Negro, Alma Preta e Notícia Preta) sobre temas étnico-raciais. O enquadramento se apresenta como uma metodologia adequada para análise do discurso midiático, somando para esta temática.

PALAVRAS-CHAVE: Enquadramento; temas étnico-raciais; mídia; racismo e observatório racial;

INTRODUÇÃO

Este trabalho é resultado do projeto de Iniciação Científica (IC) Observatório Racial da Mídia, vinculado ao curso de Jornalismo em Multimeios do Departamento de Ciências Humanas da UNEB (DCHIII), financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB), através de duas bolsas de IC direcionadas aos estudantes de graduação e coordenado pelas professoras Márcia Guena e Céres Santos.

Foram desenvolvidos dois subprojetos, responsáveis por monitorar todos os dias as matérias publicadas pelas mídias hegemônica (UOL, Folha de SP e G1) e independente negra (Mundo Negro, Alma Preta e Notícia Preta), de março a outubro de 2024, dando prosseguimento a observação iniciada em fevereiro de 2023. Nosso objetivo é através dos dados coletados e relatórios analíticos, realizar análises sobre como questões étnico raciais são abordadas pelos veículos da mídia hegemônica e

1 Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico, evento integrante da programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 8 a 10 de maio de 2024.

2 Estudante do Curso de Jornalismo da UNEB, email: ariellelims@gmail.com

3 Estudante do Curso de Jornalismo da UNEB, email: alves.vitorialv@gmail.com

4 Professora do Curso de Jornalismo da UNEB, email: marciaguena@gmail.com

5 Professora do Curso de Jornalismo da UNEB, email: ceresantos3@gmail.com

independente negra escolhidos. Partimos da hipótese, a ser confirmada pela pesquisa, de que a mídia independente negra tem produzido um contra-discurso às narrativas e práticas racistas reproduzidas por parte dos veículos da mídia hegemônica.

Nesta fase do projeto, buscamos aprimorar nossas análises à luz dos desenvolvimentos teóricos e metodológicos dos autores que formulam a teoria do enquadramento, entretanto não iremos esgotar o assunto, mas apontar os principais pontos em nossa discussão. O objetivo é aprofundar nossa compreensão sobre a teoria e como ela pode auxiliar nas pesquisas realizadas pelo Observatório Racial da Mídia.

Bases teóricas do enquadramento: contribuições de Gregory Bateson e Erving Goffman

O conceito de enquadramento nasce na psicologia social. Em seu trabalho "*A Theory of Play and Fantasy*", publicado pela primeira vez na *American Psychiatric Association Research Reports*, em 1955, antropólogo e cientista social inglês, Gregory Bateson (1987), explica como as interações humanas baseiam-se em quadros (*frames*) de sentidos que moldam as interpretações e ações dos indivíduos (Mendonça e Simões, 2012, p. 188). Bateson define que a comunicação verbal humana pode operar e sempre opera em muitos níveis contrastantes de abstração (Bateson, 1987, p. 183). Sendo assim, para além do sentido denotativo da mensagem, ou seja, do conteúdo, o pesquisador distingue os níveis metacomunicativo e metalinguístico.

O nível metalinguístico diz respeito ao modo como a própria mensagem repensa a linguagem, por meio de elementos implícitos e explícitos. O nível metacomunicativo, por sua vez, envolve elementos que definem a própria relação estabelecida entre os falantes. Desse modo, Bateson enfatiza que, mais do que conteúdos, enunciados comportam marcas que balizam a interação estabelecida. (Mendonça e Simões, 2012, p 188)

A partir da observação de macacos e lontras no Zoológico Fleischacker, em São Francisco (EUA), Bateson buscou “critérios comportamentais que indicassem se um determinado organismo é ou não capaz de reconhecer que os sinais emitidos por ele mesmo e por outros membros de sua espécie são sinais” (Bateson, 1955, p.184, tradução nossa), tomando como base, o pesquisador percebeu que os animais não apenas brigam entre si, mas também brincam de brigar, decodificando uma linguagem.

Nesse caso, nota-se que a atividade lúdica é modelada a partir de um padrão já conhecido - a luta - mas esse padrão não é seguido estritamente. Todos envolvidos na brincadeira aparentam ter uma noção de que é uma interação lúdica. Logo, neste contexto, pode-se entender que a luta serve como modelo, um padrão detalhado a seguir, uma base para a forma. (Goffman, 1986, p. 40).

Embora Bateson não tenha abordado explicitamente a ideia de cultura neste contexto específico, é crucial ressaltar que os quadros não são criados pelos indivíduos, mas sim utilizados durante a interação comunicativa, dependendo da existência de significados compartilhados, marcando essa intersubjetividade. (Mendonça e Simões, 2012, p.189)

Alicerçado no trabalho desenvolvido por Bateson e buscando conceituar o que seria o enquadramento, o sociólogo e antropólogo canadense, Erving Goffman, discutiu como a organização das mensagens e a experiência individual pode afetar a produção de sentidos para cada pessoa. Logo, a subjetividade e o conjunto de significados empregados para decifrar e compreender o mundo são os elementos construtores daquilo que é considerado real para cada indivíduo a partir de um esquema de enquadramento chamado primário.

Digo primária porque a aplicação de tal estrutura ou perspectiva é vista por aqueles que a aplicam como não dependendo ou remontando a alguma interpretação anterior ou “original”; na verdade, uma estrutura primária é aquela que transforma o que de outra forma seria um aspecto sem sentido da cena em algo que é significativo. (Goffman, 1986, p 21)

Portanto, os quadros primários podem ser entendidos como mecanismos culturais de aplicação imediata. Por meio deles é possível que o utilizador localize, perceba, identifique e rotule um número, ao que parece, infinito de ocorrências concretas definidas nos seus termos (Goffman, 1986, p 21). Os significados compartilhados pelos indivíduos, são construídos e modificados por meio daquilo que Goffman denominou como *keys* (chaves) e *keying* (chaveamentos).

Segundo Goffman, a chave seria um conjunto de convenções pelas quais uma determinada atividade, já significativa em termos de alguma estrutura primária, é transformada em algo modelado nesta atividade, mas visto pelos participantes como algo completamente diferente. Sendo assim, o processo de “*keying*” que pode ser

traduzido por codificação, no caso de atividades lúdicas poderia ser descrito como: uma atividade em que procedimentos já significativos tomam uma nova forma.

Ainda que não sejam absolutamente fixas, essas molduras também não se modificam a partir da criatividade isolada dos indivíduos. Os quadros primários são construídos e modificados social e contextualmente, sendo, pois, elemento central da existência intersubjetiva de uma coletividade (Mendonça e Simões, 2012, p 190)

O processo seletivo da mídia segundo robert entman

Na comunicação, a pesquisa de Entman concentra-se no processo seletivo da mídia e na utilização de enquadramentos pelos veículos. Cientista político e professor, Robert Entman disserta em “Framing: Towards Clarification of a Fractured Paradigm”, publicado pelo *Journal of Communication*, em 1993, que na construção das notícias “os comunicadores fazem julgamentos de enquadramento conscientes ou inconscientes ao decidir o que dizer, guiados por quadros (muitas vezes chamados de esquemas) que organizam seus sistemas de crenças.” (ENTMAN, 1993, p.52, tradução nossa)

Dois elementos são essenciais na construção do frame: seleção e saliência. Seleção diz respeito aos atributos que serão evidenciados ou ocultados nos textos. A saliência é definida como a estratégia de tornar o tema perceptível e memorável. Dentro desse processo, elementos culturais são impregnados ao discurso, dentre eles podem estar incluídos o racismo e outros estigmas sociais.

Sua contribuição teórica também envolve a concepção da autonomia da audiência, onde defende que o público tem a capacidade de reenquadrar a mensagem, com seus próprios repertórios individuais gerando interpretações alternativas.

Os tipos de enquadramento

Ainda como forma de contribuir com a teoria do enquadramento, Danilo Rothberg (2010) em “O conceito de enquadramento e sua contribuição à crítica de mídia”, publicado no livro *Vitrine e Vidraça*, sugere classificações para os *frames*. Rothberg aponta que podem haver modelos específicos de cobertura nos veículos.

Os enquadramentos de jogo ou corrida de cavalos, seriam aqueles comumente utilizados em coberturas eleitorais, com foco em probabilidades de ganhos e derrotas, ocultando propostas ou outras características mais relevantes dos candidatos. Outro enquadramento comum em períodos eleitorais seria o estratégico, onde o jornalista atua

como aquele que descobre e expõe todos os passos estratégicos dos candidatos e seus partidos, que os deixa mais próximos ou mais distantes da vitória. O enquadramento episódico seria aquele que acentua apenas aspectos circunstanciais, sem contextualizar ou aprofundar o assunto. Esses enquadramentos juntos podem também tomar forma de um novo tipo de *framing*, o enquadramento de conflito, com ênfase na disputa e onde outros critérios de cobertura são negligenciados. (Rothberg, 2010)

Dessa forma, traz o enquadramento temático como “um meio de superar a fragmentação e a superficialidade” (Rothberg, 2010, p. 57). Os enquadramentos temáticos atuam situando os diversos aspectos da notícia, incluindo precedentes, diferentes perspectivas, reflexos para os envolvidos e a sociedade em geral e influências macroestruturais. Não bastaria apenas “ouvir os dois lados”, mas abranger a diversidade de perspectivas.

Campos (2014) utiliza três categorias adicionais de enquadramento: noticiosos, editoriais e interpretativos. Os enquadramentos noticiosos são caracterizados pelo ponto de vista adotado na apresentação da notícia, destacando-se pelo processo de seleção e ênfase de determinados aspectos em detrimento de outros. Enquadramentos editoriais revelam os critérios subjacentes à seleção dos textos veiculados em cada edição, geralmente, essa categoria reflete os princípios éticos adotados pelo veículo. Já os interpretativos tem como objetivo “induzir uma avaliação de um dado tema ou evento” (Campos, 2014, p. 10).

Nossa proposta metodológica

Após a revisão de metodologia, fizemos alguns ajustes pontuais. A coleta de dados é feita através da plataforma Google Planilhas e tem como principais tópicos: título, subtítulo, palavras-chave, autor ou agência, link, editoria e quantidade de parágrafos. Em sequência, reservamos parte da tabela para a coleta de informações sobre as fontes ouvidas em cada matéria, onde reunimos o nome e a classificação baseado numa síntese do esquema proposto por Lage (2003) que classifica como oficiais, civis ou intelectuais, adicionando também gênero, raça e/ou etnia. Analisamos quanto a legitimidade e diversidade das fontes e se na abordagem do texto existe foco em causas e efeitos ou a presença de preconceitos ou estereótipos. Por fim, de acordo com os estudos formulados por Rothberg (2010) verificamos se a predominância do enquadramento é de jogo, estratégico, episódico, de conflito ou temático. No primeiro ano da pesquisa houve a predominância do enquadramento de conflito na mídia hegemônica, e

temático na mídia independente negra. Pretendemos, nos próximos meses, relacionar a análise das fontes e suas tipologias, com o enquadramento, levando em conta os aspectos gênero e raça. A coleta, iniciada em março, abrangerá as publicações com as palavras-chave: negros, negras, pretos, pretas, racismo, raça e indígenas até outubro de 2024.

Considerações finais

Em nossa investigação, procuramos compreender os esquemas por trás da forma como os temas étnico-raciais são representados na mídia. Este procedimento implica na identificação das estruturas lógicas empregadas e da existência de padrões recorrentes na cobertura desses assuntos. A teoria do enquadramento emerge como uma metodologia que se alinha às exigências de nossa pesquisa. Ao compreender os quadros como pacotes interpretativos e desenvolver estruturas de pesquisa para compreender esses diversos tipos de frames, a teoria do enquadramento nos fornece essas instruções.

Voltado para a análise da temática racial, os enquadramentos também auxiliam como forma de compreender como a cultura - e seus preconceitos subjacentes - moldam tanto as decisões individuais quanto os processos editoriais na produção de conteúdo.

Referências

BATESON, Gregory. (1987), “A theory of play and fantasy”, Steps to an ecology of mind, Chicago, University of Chicago Press, p 183-1987.

CAMPOS, L. A. A identificação de enquadramentos através da análise de correspondências: um modelo analítico aplicado à controvérsia das ações afirmativas raciais na imprensa. OPINIÃO PÚBLICA, v. 20, n. 3, p. 377-406, 2014.

ENTMAN, R. M. (1993). Framing: Towards Clarification of a Fractured Paradigm. *Journal of Communication*, 43(4), 51-58.

GOFFMAN, Erving. Frame analysis. Reprint, Originally published: New York: Harper & Row, 1986.

LAGE, Nilson. A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. 3a. ed, Rio de Janeiro: Record, 2003

MENDONÇA, R.; SIMÕES, P. Enquadramento: Diferentes operacionalizações analíticas de um conceito. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 27, 2012

OBSERVATÓRIO racial da mídia. www.observatorioracialdamidia.com.br

ROTHBERG, D. (2010). O conceito de enquadramento e sua contribuição à crítica de mídia. In Christofletti, R. (Org.), *Vitrine e vidraça: Crítica de Mídia e Qualidade no Jornalismo* (pp. 53-68). Editora: Livros LabCom.